



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ENEDINA GERONIMA CORDEIRO LOURENÇO

**AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2008

ENEDINA GERONIMA CORDEIRO LOURENÇO

**AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadoras: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

Professora Ma. Antônia Lia de Maria Martins Torres.

CAJAZEIRAS - PB

2008



L892a Lourenço, Enedina Geronima Cordeiro.
Avaliação do ensino aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental / Enedina Geronima Cordeiro Lourenço. - Cajazeiras, 2008.
56f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Ensino e aprendizagem-avaliação. 3. Educação Infantil. 4. Ensino fundamental-séries iniciais. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Torres, Antônia Lis de Maria. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.015.3

ENEDINA GERONIMA CORDEIRO LOURENÇO

**AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM NAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em: 03/04/2008

Maria Gerlaine Belchior Amaral

Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral

Orientadora

Enedina Geronima Cordeiro Lourenço

Enedina Geronima Cordeiro Lourenço

CAJAZEIRAS -- PB

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

DEDICATÓRIA

In memória:
José Lucas Jerônimo Furtado e
José Lourenço da Silva

Vocês hoje são saudades, gratidão, uma
lembrança inesquecível.
Do céu, onde estão, rogue ao Senhor por nós,
para que sejamos firmes na fé e no amor da
família.

AGRADECIMENTO

À Deus por quem fomos criados e capacitados a desenvolver todo conhecimento que hora desempenhamos que se mostrou com relevância e força a minha gratidão por tão grande feito por mim.

À minha mãe Angelita, à minha sogra Terezinha, meus irmãos: Socorro, Ivanira, Raimunda, Manoel, José, Fcº Filho, Fcº Silva, Fernanna, Uberlânia e Fernanda e demais familiares que me exigiram esforços incríveis e hoje sei que fui bastante beneficiada.

À Adriano, meu esposo, que me auxiliou e acompanhou nessa caminhada, estando sempre presente nos momentos mais difíceis.

À Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental "Dr. Thomaz Pires" na cidade de Sousa - PB, aos professores e demais funcionários que me permitiram ampliar meus horizontes.

Às professoras Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral e Ms. Antônia Lis de Maria Martins Torres e aos demais bons professores que tive na Universidade Federal de Campina Grande Campus de Cajazeiras - PB, Centro de Formação de Professores, Unidade Acadêmica de Educação, Curso de Pedagogia onde contribuíram para concretização deste meu sonho, a quem tenho profunda admiração e respeito e que me orientaram não só para este trabalho, mas também para a vida.

***“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a
preparação para a vida, é a própria vida”.***

John Dewey

RESUMO

A temática “Avaliação do Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, tem como objetivo conhecer como acontece o processo avaliativo em sala de aula na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa – PB, de como se desenvolve as concepções dos professores sobre a avaliação e como esta se realiza dentro do sistema de ensino, identificando a sua concepção e os instrumentos que estão sendo utilizados no cotidiano escolar. Constatamos aqui que a avaliação é um processo que requer tanto a participação do docente como do discente, e que não é uma prática desvinculada do fazer pedagógico. A Avaliação da Aprendizagem é hoje tema de grandes discussões no que diz respeito sua eficiência e objetivos aos quais propõe suas contradições versus ao que visa à educação. Que a mesma não deve ser somente um instrumento para aprovação ou reprovação do aluno, mas sim, um instrumento diagnóstico de sua situação, visando à definição de encaminhamento adequado para sua aprendizagem. O estudo foi desenvolvido através de visitas sistemáticas à escola, onde foram realizados estudos enfocando a visão de vários autores, atentos e preocupados com essa problemática, como também, propostas possíveis na dinamização da prática avaliativa.

Palavra chave: Avaliação do ensino aprendizagem – concepções – educação – instrumento.

SUMÁRIO

	pág.
Introdução	8
1- HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO	12
1.1 - Contribuição da Avaliação para a Aprendizagem do Educando.....	16
2 - CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO	20
3- FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO	31
4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
5- ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	39
6- RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	46
6.1- Caracterização da escola no campo de Estágio	46
6.2 - Análise Crítica da Experiência Vivenciada na Escola	47
Apreciação Crítica	
Referências Bibliográficas	
Anexos	

INTRODUÇÃO

O trabalho que segue é resultado de um estudo que teve por finalidade a elaboração de uma Monografia, trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, realizado durante o Estágio Supervisionado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa – PB, no turno da tarde no período de Outubro a Novembro de 2007.

A temática a ser abordada é a avaliação do processo ensino aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O que me motivou a escolha desta temática foi devido uma pequena experiência que tive ao realizar um estágio no Curso Normal Pedagógico em uma turma numerosa de 2ª série com pelo menos 24 (vinte e quatro) alunos e a mesma funcionava em um espaço da cantina devido à falta de sala de aula, os alunos ficavam inquietos a tarde toda e sentavam um bem juntinho do outro devido à falta de espaço e no momento da avaliação escrita à famosa prova os alunos mais fracos saíam tão bem quanto os mais adiantados.

Analisando o processo ensino e aprendizagem na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa – PB, observam-se as dificuldades: falta de apoio e incentivo famílias, condições financeiras dos educadores e falta de recursos que favoreça um equilíbrio entre o que a sociedade e a escola oferecem.

Durante visitas na mesma, realização de questionário e o observação de aulas percebi que um das maiores preocupações dos educadores é com relação à nota do aluno. Fundamentados que as provas ou testes são elaborados para testar os mesmo levando em consideração a nota alcançada. Com isso, o processo de aprendizagem a capacidade

de cada aluno é medida através do seu desempenho. Esse tipo de avaliação traduz a prática atual das maiorias das escolas que elaboram um programa no início de cada ano letivo.

Embora haja grande obstáculo e distorções entre teoria e prática avaliativa o desejo de se aprimorar leva os docentes das séries iniciais da instituição a participarem de estudos, encontros e treinamentos a fim de propiciar o crescimento do sistema educacional.

Neste sentido, optei pela temática “Avaliação do Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, objetivando conhecer como acontece o processo avaliativo em sala de aula, as concepções dos professores sobre a avaliação e como estas se realiza dentro do sistema de ensino, identificando a sua e os instrumentos que estão sendo utilizados no cotidiano escolar.

Diante de minha pouca prática como educadora, constatei que a avaliação é um processo que requer tanto a participação do docente como dos discentes, não é uma prática desvinculada do fazer pedagógico. Diante disso, o professor utiliza instrumentos de ameaça para a obtenção do comportamento desejado e com isso a avaliação deixa de proporcionar uma oportunidade de aprendizagem para ser um momento de “acerto de contas” entres alunos e professores.

Nesta perspectiva, educador deve pensar em uma avaliação de forma a superar essa visão estática e classificatória, pensando no processo como um todo, criando na escola possibilidade de reflexões e compromisso com a aprendizagem do aluno. Com esta concepção, o professor precisa manter uma postura pedagógica criativa e renovadora, buscando formas e alternativas de avaliação.

O processo avaliativo tem como finalidade a melhoria da ação pedagógica visando à promoção moral e intelectual do aluno. É um processo contínuo, dialógico e cooperativo, através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesmo e desenvolvem suas potencialidades.

Por tudo isso o processo avaliativo deve estar voltado para o desenvolvimento das capacidades de aprendizagem do educando, promovendo assim avaliação com a função diagnóstica. É importante observar que a avaliação tem um papel extremamente significativo para a educação e vida do aluno, uma vez que apresenta ao educador informações concretas sobre o nível de aprendizagem e do desenvolvimento do educando. O ato de “avaliar” de modo geral, vai além do que imaginamos, ou seja, vai além dos levantamentos quantitativos e é uma tarefa bem mais complexa e imprescindível para redimensionar o trabalho docente.

Com base na consideração desses aspectos a avaliação deve subsidiar o Projeto Político-Pedagógico-PPP da escola. Esta deve servir para que o professor reflita a sua ação docente e o educando possa demonstrar seu desempenho, construindo conhecimento, visando dessa forma, uma maior flexibilidade e descentralização do autoritarismo por parte do professor na avaliação da aprendizagem, oferecendo critérios com objetivos propostos para a realização de uma avaliação de qualidade preocupada e comprometida com a realidade do aluno, situada no seu contexto social, afetivo e psicológico, almejando o desenvolvimento da capacidade e não a rotulação classificatória, tendo em vista a democratização do ensino e o estabelecimento da autonomia do educando.

Este trabalho contribui na forma de interrogar acerca da função da avaliação no processo de ensino-aprendizagem em toda sua complexidade. Busca identificar os conhecimentos e desconhecimentos que estão em diálogo, relata que toda resposta, certa ou errada, é simultaneamente um ponto de chegada aceitável, mostra os conhecimentos já elaborados e um novo ponto de partida, possibilita também novos questionamentos, ainda oferece elementos para uma melhor compreensão do movimento vivido individual e coletivamente na realização da avaliação, contribui também para a elaboração de propostas que possam alimentar o processo de construção de conhecimentos.

Assim, o objetivo deste estudo é contribuir para que os professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa-PB, repensem sua prática avaliativa, mas especificamente sua aplicação e conseqüências para o aluno, tanto no âmbito educacional quanto social.

O trabalho está estruturado em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o Histórico da Avaliação e as Contribuições da Avaliação para a Aprendizagem do Educando. No segundo capítulo, estão as Concepções de Avaliação. No terceiro capítulo, apresentamos as Funções da Avaliação. No quarto capítulo, estão os Procedimentos Metodológicos. No quinto capítulo está a Análise dos Dados Coletados. No sexto capítulo se encontram Relato da Experiência Vivenciada Durante o Estágio Supervisionado, a Caracterização da escola no Campo de Estágio e a Análise Crítica da Experiência Vivenciada na Escola. Por último estão a Apreciação Crítica, Referências Bibliográficas e os Anexos.

A partir destes estudos realizados sobre a avaliação almejo que todos os envolvidos neste processo reflitam sobre a sua prática avaliativa da ótica do quê, por que e para quê avaliar.

1- HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO

Por volta de 1928, encontra-se um enfoque do contexto histórico no processo avaliativo denominado abordagem quantitativa e abordagem qualitativa, os quais demonstram a necessidade de uma transformação social.

Na abordagem quantitativa, fundamentação na objetividade, tendo por metas mudanças comportamentais observáveis e mensuráveis, que têm como propósito a tomada de decisões. A avaliação de caráter objetivo comprova os conhecimentos assimilados pelos alunos de acordo com os objetivos e os conteúdos trabalhados. A mesma, possibilita de forma clara e precisa a extensão de conhecimentos, habilidades, atitudes estabelecendo uma ligação entre a subjetividade que atendem não só as necessidades e condições internas dos alunos, como os propósitos e objetivos do professor.

Isso não significa excluir a subjetividade do professor e dos alunos, que está sempre presente na relação pedagógica, mas a subjetividade não pode comprometer as exigências objetivas, sociais e didáticas, inerentes ao processo de ensino. Para garantir as exigências de objetividade, nós professores, tentamos explicar instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação.

Neste sentido, podemos classificar três tipos de técnicas de avaliação, sendo estas, tarefas para medir uma amostra de comportamento do indivíduo em determinado tempo, podendo ser oral ou escrito, informal ou padronizado e acima de tudo objetivo. O auto relato: o indivíduo informa sobre si mesmo. A informação é usualmente obtida por entrevista ou questionário. Enfim, a observação do indivíduo numa variedade de situações. No caso da escola, professores e alunos têm várias oportunidades de observar seus comportamentos.

Essas técnicas de avaliação devem ser selecionadas em razão dos propósitos que devem ser atendidos. A utilização de uma variedade de técnicas de avaliação é adequada para apreciar o progresso dos alunos com relação a todos os resultados da instrução, por isso, é necessário o conhecimento das vantagens e limitações das técnicas por serem

utilizadas. Segundo Prado (1993, p. 36) “A avaliação é um meio para um fim e não um fim de si mesma”.

Portanto, é preciso tratar os fatos sociais como coisas, exatamente como o cientista da natureza trata os fenômenos naturais. Prado (1993, p. 16), afirma que “A objetividade passa a ser buscada a todo o custo, sem o que atividade científica estaria seriamente abalada”.

A ciência, diz o autor, é um empreendimento científico e que todos os procedimentos social e público, mas uma regra importantíssima do empreendimento científico é que todos os empreendimentos sejam “objetivos”, feitos de tal forma que haja ou possa haver acordo entre juízes, porque quanto maior a objetividade mais os procedimentos afastam-se das características humanas, e de suas limitações, ou seja, quanto mais objetivos, mais contrários às opiniões, compreensões, as considerações ou dissertações sobre determinado assunto.

Na década de 30, à medida que as aptidões humanas avançavam em conseqüência desse movimento de caráter psicopedagógico, floresceram os testes padronizados. Através desses testes ampliam-se os estudos avaliativos do desempenho dos alunos incluindo também outros instrumentos. Com isso, os estudos desenvolvidos causaram grande e duradouro impacto nos meios educacionais.

Podemos verificar esta prática através do enfoque avaliativo que na visão de Saul (1995, p. 27) diz que:

(...) A avaliação é o processo destinado a verificar o grau em que essas mudanças comportamentais estão ocorrendo (...) a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.

Nesta perspectiva, a avaliação é entendida como um processo mediante o qual se determina o grau em que as mudanças do comportamento estão realmente ocorrendo, ou seja, o processo avaliativo consiste, basicamente, na determinação de quanto os objetivos educacionais estão sendo atingidos por programas curriculares e instrucionais.

Todavia, como os objetivos educacionais expressam mudanças em seres humanos, isto é, os objetivos traduzem certas mudanças desejáveis nos padrões comportamentais do aluno. Enfim, a educação em si é um processo que visa modificar a conduta dos estudantes, essas mudanças no comportamento, constituem os objetivos da educação.

No decorrer da história, o processo avaliativo no Brasil pôde ser observado que, desde o início a avaliação em si tinha como objetivo principal medir o nível da aprendizagem do aluno por meio da aplicação de provas e obtenção de notas. E que apesar dos avanços da modernidade a avaliação da aprendizagem escolar, ainda continua sendo desenvolvida, na maioria das vezes com essa finalidade.

Na visão de Pedra (1997, p.31) o currículo “é uma série estruturada de resultados buscados na aprendizagem”, currículos são “todas as experiências que os estudantes desenvolvem sob a tutela da escola”. O currículo é um intento de comunicar os princípios essenciais de uma proposta educativa de tal forma que fique aberta ao exame crítico e possa ser traduzido efetivamente para prática.

No Brasil, a trajetória do pensamento curricular, tem início na década de 50, com a publicação da “introdução ao estudo do currículo da escola primária”, de Roberta Moreira. Nesse estudo, o autor diz que o currículo escolar é o conjunto organizado das atividades de aprender e ensinar, que se processam na escola.

Historicamente o termo “currículo”, surgiu na literatura educacional, produzindo em escala industrial o que antes era produzido em escala familiar. O “saber fazer”, que era patrimônio familiar, passa ao “poder fazer”, industrial.

Se por um lado, os modos de produção industrial, aperfeiçoavam-se, influenciando o pensar e o fazer currículo, surgiram os outros movimentos sociais que contraditavam os pressupostos “industriais” e, de certo modo, recusavam tal influência, mais o currículo, se compreendermos como algo que participa de um processo social mais amplo compreendemos também, que qualquer currículo traz a marca da cultura no qual foi produzido.

Para tal razão é que vemos que, no currículo estão contidos mais que os conteúdos que constituem as disciplinas, além destes, estão também, as concepções de vida social e as relações que animam tal ou qualquer que seja a cultura, o meio, buscando basicamente a medida avaliativa dos dados.

Quando se trabalha sob a perspectiva de uma avaliação qualitativo-quantitativa, possibilita-se a aplicação dos procedimentos avaliativos uma vez que a avaliação quantitativa pode contribuir para identificar os acertos e erros e a avaliação qualitativa para compreender causas dos erros.

Percebe-se que na abordagem qualitativa em contrapartida questiona a limitação dos testes padronizados para avaliar o que o professor ensina e o que o aluno aprende. Segundo Luckesi (1997, p. 66), “[...] uma avaliação escolar realizada com desvios pode estar contribuindo significativamente para um processo que inviabiliza a democratização do ensino”.

Portanto, o docente precisa estar consciente do poder da avaliação, tanto dentro do contexto escolar como também, dentro da própria sociedade. Se o professor trabalhar na perspectiva de elaborar testes inadequados, provas de difícil compreensão, essa prática só vai intimidar o aluno e contribuir para o seu fracasso escolar, agindo de forma totalmente antidemocrática.

Para que a avaliação sirva a democratização do ensino, segundo Luckesi (1997, p. 81) precisa assumi-la, “como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vistas tomar decisões suficientes para que possa avançar no processo de aprendizagem”.

A avaliação não deve ser somente um instrumento para aprovação ou reprovação do aluno, mas sim, um instrumento diagnóstico de sua situação, visando à definição de encaminhamento adequado para sua aprendizagem. Na prática da avaliação preocupadas com a transformação, deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige participação democrática de todos.

Isso significa igualdade, fato que não se dará se não conquistar a autonomia e a reciprocidade das relações. O sistema educacional brasileiro vem sofrendo profundas transformações, o que ocasiona e exige mudança formal e política dos que está envolvida na ação educativa, a avaliação também tem suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem do educando.

1.1 Contribuição da avaliação para a aprendizagem do educando

Avaliação da aprendizagem é hoje tema de grandes discussões no que diz respeito sua eficiência e objetivos aos quais propõe suas contradições versus ao que visa à educação. Tais questões que parecem aflorar nos dias atuais, existem desde que se noticiaram práticas avaliativas.

A avaliação, entretanto, deverá concentrar-se na aprendizagem, numa busca de construção do indivíduo e não um julgamento, assim como a sociedade faz hoje no seu sistema, desintegrando-o da coletividade.

Percebendo que a avaliação se encontra antes, durante e depois no processo ensino-aprendizagem, professores e alunos devem caminhar em um clima favorável e dialogal. Segundo Luckesi (1997, p. 28), “[...] é importante estarmos cientes de que avaliações da aprendizagem escolar, em particular são meios e fins em si mesmos [...]”.

A escola, geralmente, não valoriza o conhecimento que o aluno possui que é construído ao longo de sua vida. O “saber” ou conhecimento valorizado é aquele adquirido na escola, mesmo que seja mero “adestramento”. O saber do aluno, quase sempre pode ser visto como um jogo, onde apenas um dos parceiros conhece as “regras”.

Estas não devem ser rígidas, precisam ser construídas pelos participantes sempre que necessário, e discutidas no início e ao final do jogo. Como afirma Souza (1993, p. 35), “A avaliação deve ser contínua [...] atentam para necessidade de a avaliação ser um procedimento que deve se estar presente desde o início até o final do trabalho que se desenvolve com o aluno”.

Os alunos precisam saber o que se espera através do professor avaliativo, daí surge a necessidade da postura dialogal do professor para com estes, demonstrando assim os objetivos claros e precisos, através de atividades bem organizadas e dirigidas para os fins a serem alcançados. Luckesi (1997, p. 179) ressalta que, “[...] Entre os cuidados no processo de avaliação, é preciso estar atentos ao processo de correção e devolução de avaliação da aprendizagem escolar ao educando [...]”.

Avaliação da aprendizagem do aluno está diretamente ligada à avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar. Assim, a avaliação dos avanços e dificuldades dos alunos na aprendizagem fornece ao professor indicações de como deve caminhar e orientar a sua prática pedagógica, visando aperfeiçoá-lo. É por isso que se diz que a avaliação contribui para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do ensino. Souza (1993, p. 137) afirma que: “A avaliação é faca de dois gumes. Diagnostica tanto a aprendizagem do aluno como o ensino oferecido pelo professor [...]”.

Assim, a avaliação da aprendizagem vai se caracterizar pelo envolvimento do aluno e professores num diálogo igualitário e franco, no sentido de superar as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, função da continuidade das atividades, do conteúdo programático e do seu relacionamento com outros ramos do saber. Para Hoffmann (1996, p. 17), “[...] Educar é fazer ato do sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo [...]”.

Podemos observar que a avaliação não se faz sem o farol da prática a iluminá-la, o desafio maior é não se acomodar diante de uma prática pedagógica. O professor deve estar numa constante inquietação na atitude de buscar novos conhecimentos e novas propostas de avaliação, partido sempre das atividades práticas para o concreto e o ora para representações mentais.

O professor deve trabalhar com a auto-estima dos alunos, estabelecendo vínculos afetivos, calcados na verdade e no diálogo, respeitando-os como pessoas que são diferentes entre si. O estabelecimento desse vínculo não é fácil, já que em geral, se lida com pessoas cujos valores são diferentes, neste aspecto Souza comenta (1993, p. 150):

“A participação do aluno na avaliação é a crença no indivíduo como ser humano auto determinado, capaz de solidariamente construir seu destino [...]”.

Em relação a essa questão, Melchior, (1994, p. 101) nos adverte:

Ai daqueles e aquelas entre nós que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Ai daqueles ou aquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrela a um passado de explora e de rotina.

Se os objetivos propostos levam à mudanças de comportamento, tanto motora, cognitivas e sociais, levam-nos a crê que o ato de ensinar e aprender consiste na ação de diagnosticar se eles são realmente atingidos e em que se dá essa execução, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção do seu saber. Nesta perspectiva, a avaliação assume um sentido orientador e cooperativo. Segundo Melchior (1994, p. 57): “[...] ajustando-o ao processo de seus alunos, buscando oferecer-lhes condições de superar obstáculos e desenvolver o autoconhecimento e a autonomia”.

No que se refere à verificação do rendimento escolar, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº. 9.394/96, Art. 24, Inciso V deverá observar os seguintes critérios:

- a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) Possibilidades de aceleração de estudos para com atrasos escolar;
- c) Possibilidades de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) Aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) Obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Numa avaliação em que tanto o professor quanto os alunos participam do processo, ocorre uma troca, o professor desmistificará a idéia de o único detentor de saber e resgatar sua auto-estima. Isso só ocorrerá através de uma relação afetiva onde o

professor se apresenta como amigo sensível, ouvinte, valorizando e respeitando e educando, ou seja, ajudando a encontrar seus valores.

2 - CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem apresenta diferentes concepções no que refere as abordagens teóricas e prática. Segundo Luckesi (1995, p.33):

A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (...), quando se trata de um processo, como é o caso da aprendizagem.

Uma das concepções é a avaliação mediadora, acreditamos que a mesma está relacionada com a análise de toda e qualquer manifestação de aprendizagem do aluno. O professor tem o papel mediador. Neste sentido, o professor através de hipóteses formuladas pelo aluno, possibilita-o elaborar suas próprias soluções, e ainda, propiciar uma ação educativa.

A avaliação, enquanto mediação significa encontro de professor e aluno, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimento percorrido num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outros, mas seguem em frente, na mesma direção. Assim, Hoffmann (2003, p. 57, apud Macedo) afirma:

As tarefas são elementos essenciais para a observação das hipóteses construídas pelos alunos ao longo do processo. Através delas, professores de todos os graus de ensino poderão estabelecer diálogo com os educando, no sentido de debruçar-se sobre sua produção de conhecimento para compreender em que momento se encontra e qual a dimensão do seu entendimento.

Neste sentido, é importante que se respeite o saber elaborado pelo aluno, partindo de ações desencadeadoras de reflexões sobre tal saber, desafiando-o evoluir para encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor. Neste percurso, onde o professor é mediador, é imprescindível destacar a importância da definição dos saberes que estão sendo considerados no processo avaliativo.

Deste modo, o caminho para avaliação mediadora não pode ser outro senão a busca de significado para todas as dimensões da relação entre educando e educadores através de investigação séria acerca das peculiaridades dos aprendizes. A visão de quem quer conhecer para promover e não para classificar ou julgar; a certeza de que as incertezas são múltiplas em educação porque se baseiam em relações humanas, de natureza qualitativa.

Portanto para uma prática avaliativa mediadora, devem-se oportunizar os alunos muitos momentos para expressar suas idéias, oportunizar discursões a partir de situações desencadeadoras, realizarem várias tarefas individuais, investindo teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelos ao educando ao invés do certo e errado e da atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores soluções.

Nesta perspectiva, Hoffmann (2003, p. 59, apud Macedo) ressalta:

Antes se tratava de saber bem (o professor), para transmitir ou avaliar certo. Agora se trata de saber bem para discutir com a criança, localizar na história da ciência o ponto correspondente ao seu pensamento para fazer perguntas “inteligentes” para formular hipóteses, para sistematizar quando necessário.

O importante é garantir a espontaneidade do aluno na realização das mais diversificadas tarefas em todos os momentos na sala de aula. O educador deve valorizar efetivamente toda a produção dos discentes, partindo de suas idéias ou dificuldades para o planejamento de novas ações educativas, sendo assim, estará naturalmente tornando-o participante do processo.

É tempo de definir o papel do educador como mediador que dinamiza as trocas de ações entre o educando e o objeto do conhecimento veste á apropriação do saber pelo sujeito e o mediador entre a criança e o seu grupo de iguais, viabilizando as trocas necessárias ao exercício das cooperações que sustentam o desenvolvimento das personalidades autônomas no domínio cognitivo moral, social e afetivo. (Idem, p.58)

A avaliação mediadora acontece quando se efetiva uma organização do ensino tomando os alunos produtores de conhecimentos, capazes de interagirem, discutirem e resolverem problemas no grupo. É importante salientar que

Os trabalhadores em grupo são “gatilhos” para a reflexão de cada aluno, para o desenvolvimento do conhecimento em sua perspectiva de compreensão. Oportunidades de defender pontos de vistas espontâneos expressão do seu “vivido” (...) Assim, discussões em grupos são momentos que devem ser acompanhados pelo professor. (Ibidem, p. 58-59)

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento, no processo de construção do conhecimento, o que exige uma relação direta com ela a partir de muitas tarefas (orais ou escritas), interpretando-as, refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento das áreas de conhecimentos em questão, das experiências de vida do aluno. A prática tradicional coloca um ponto final a cada tarefa que o aluno faz. Mesmo que se dê a ação mediadora do professor, sob forma de explicação, sugestão de novas leituras.

Uma outra concepção é a classificatória, esta tem como característica marcante a classificação do aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento escolar alcançado. Isto acontece por meio de atividades e avaliações. É comum entre os professores que desempenham uma prática avaliativa tradicional.

Luckesi (2000, p.35) afirma que, “com a função classificatória a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento”. Ou seja, o julgamento de valores, que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objetivo avaliado, passa a ter uma função estática de classificar um objeto ou um ser humano no histórico num padrão definitivamente determinado.

Sob esta ótica, entende-se que a avaliação vai muito do que a simples medida para obtenção escolar. A superação da prática autoritária depende em grande parte da conscientização do professor em que este necessita adotar modelos teóricos fundamentais, não apenas em medidas classificatórias e excludentes, não apenas em

práticas baseadas numa concepção política de “quantidades” de conhecimentos, mas como elemento ativo de sua própria avaliação.

Esta prática docente traduz um modelo pedagógico que reproduz a distribuição social das pessoas. Aqueles que são considerados “bons” e “médios” e outros que são os “inferiores”. Luckesi (1995, p.36) afirma que:

Os mais aptos socialmente permanecem na situação de mais aptos e os menos aptos, do mesmo ponto de vista, permanecem menos aptos. Ou seja, o ritual pedagógico não propicia nenhuma modificação na distribuição social das pessoas, e, assim sendo, não auxilia a transformação social.

Nesse sentido, é fundamental que a avaliação deixe de ser instrumento de classificação, seleção e exclusão social e torne-se uma ferramenta voltada para a construção coletiva de uma escola de qualidade social para todos.

A avaliação pode assumir também uma concepção diagnóstica, dependendo da postura do educador, da sua concepção de educação e do processo ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, a avaliação fundamenta o educador no auxílio ao seu processo de competência para aprendizagem. Logo a avaliação diagnóstica constitui um processo dialético de avançar no desenvolvimento da ação, da competência numa ação dinâmica.

O ato avaliativo, nesta ótica, serve como reflexão no repensar a prática do professor e a este cabe retorná-la com o intuito de transformar ou aperfeiçoar, porém, nunca dar um ponto definitivo, mas suscitar reflexões. Neste processo avaliativo é indispensável, que o professor analise-o, estude-o e reconheça profundamente para não lhe ser atribuído características(ou funções) distorcidas, mas interpretá-la dentro de sua verdadeira proposta. O autor supracitado adverte

“O resgate do significado diagnóstico da avaliação que aqui propomos como encaminhamento para ultrapassagem do autoritarismo, de forma alguma quer significar menos rigor na prática da avaliação”. Ao contrário, para ser diagnóstica, a avaliação deverá ter o máximo possível de rigor no seu encaminhamento. Pois que o rigor técnico e científico no exercício da

avaliação garantirá ao professor, no caso, um instrumento mais objetivo de tomada de decisão. Em função disso, sua ação poderá ser mais adequada e mais eficiente na perspectiva da transformação. ” (Idem p.44)

No procedimento de uma avaliação diagnóstica faz-se necessário, ainda, que o professor e aluno sejam conduzidos ao esclarecimento do que venha a ser a necessidade de avaliar. A avaliação diagnóstica faz parte deste processo e constitui um marco pedagógico que permite a recuperação acontecer ao mesmo tempo em que as falhas são detectadas.

Luckesi (1995) aponta o caminho voltado mais para o papel do professor que cabe em última instância, definir sobre a vida escolar do aluno. O educador precisa resgatar a função diagnóstica da avaliação, utilizando-a como um instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e a identificação dos caminhos a serem perseguidos.

A avaliação na concepção diagnóstica deixa clara a preocupação com a sondagem dos conhecimentos apresentados pelo professor. Podemos verificar esta prática na afirmação de Romão (2003, p. 71). “[...] os alunos tem de se dotar de uma consciência continente a receber permanentemente os conhecimentos que o mundo lhe faz, e que se vão transformar em seus conteúdos”.

Adota-se uma característica “autoritária” e “bancária” de educação. De acordo com Melchior (1994), forçamos o aluno a se transformar num depósito do “tesouro do saber”. Essa concepção de avaliação propõe que seja encarada pelos professores como uma via de mão dupla. Além disso, o papel dos professores não é o de encher o aluno de conteúdos, de “conhecimentos” de ordem técnica, mas de proporcionar através da relação dialógica, professor-aluno, a organização de um pensamento crítico.

Outra concepção de avaliação é a dialógica. Entre professor-aluno, é onde ocorre a troca de experiência e passam a compartilhar das experiências dos demais. Assim, na visão de Hoffman (2003, p. 34):

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então em vez de transferir o conhecimento,

estaticamente, como se fosse posse fixa do professor; o diálogo requer uma aproximação do objeto.

Então é, na inter-relação que os alunos passam a adquirir uma aprendizagem eficaz e significativa, uma consciência crítica, ou seja, um importante passo para o exercício de sua cidadania. Esta visão de avaliação despertaria no educador para a relação dialógica, buscando alternativas para estabelecer sua aproximação e descobrir diferentes maneiras de lidar com educando. Desse modo, o processo avaliativo apóia-se na relação professor-aluno, devendo o professor conscientizar de sua prática avaliativa e ficar atento à dúvida dos impasses e principalmente, estar aberto a essas possibilidades.

Esta característica de avaliação desponta como uma opção para os educadores audaciosa, humilde, coerente com o ato de ensinar-aprender, como meio possível de valorização do educando enquanto um ser sedento de conhecimentos, mas que também traz suas próprias experiências. Portanto, para a avaliação surgiu como um desafio para os educadores, visto que transgredir algumas regras e práticas avaliativas é um desafio.

Através do diálogo é possível estabelecer uma aproximação dinâmica na aproximação do objeto ao invés de transferir de forma estática, o conhecimento. Seu objetivo é a tomada de consciência do educador direcionando sua ação avaliativa para as relações dinâmica e dialógica no processo ensino-aprendizagem. Essas deverão ser acima de tudo um meio para confirmar o desenvolvimento do aluno o alcance dos objetivos estabelecidos pelos professores.

Evidenciamos em nossa concepção, a avaliação como mecanismo direcionador e decisivo no decorrer da vida acadêmica de nossos alunos, bem como em sua vida social, no que diz respeito ao mercado de trabalho e às futuras escolhas. Para o professor, representa uma análise reflexiva dos avanços e saberes trazidos e construídos, bem como as dificuldades dos alunos, podendo redefinir sua prática pedagógica.

O ato de avaliar é exercido em todos os momentos do dia-a-dia do sujeito, a partir de juízos provisórios, ajudando nas decisões a serem tomadas. Ao fazer este juízo, o

homem coloca em funcionamento seus sentidos, sua capacidade intelectual, habilidades, sentimentos e ideologias.

Com efeito, a prática instalada por tantos anos, de avaliação por notas dificilmente irá modificar-se por força exclusiva de uma lei. É preciso que se possa mudar, inclusive, alguns conceitos ou padrões correlatos, passando pela melhor formação profissional do educador e, mesmo para aqueles conceitos produzidos ou fomentados em nível social. Nesse sentido, Hoffmann (2003, p. 36) nos diz: “A prática avaliativa não irá mudar em nossas escolas em decorrência de Leis, Resoluções, Decretos ou Regimentos escolares, mas, a partir do compromisso dos educadores com a realidade social que enfrentamos”.

A avaliação deve ser feita cada vez que for necessário ter informações sobre o aprendizado da turma e não necessariamente ao final de uma seqüência ou de um ano. Pedagogicamente, é mais interessante que seja feita durante a aprendizagem. Esta é a avaliação formativa, feita no curso da aprendizagem para obter informações sobre o aprendizado dos alunos.

Autores como Luckesi (1997), Hoffmann (1993; 2003) têm contribuído na compreensão da avaliação ao concebê-la como um ato pedagógico que ocorre no interior da instituição escolar, a qual, por sua vez, está inserida num determinado contexto social.

Analisa o trabalho pedagógico, a prática avaliativa que se realiza na instituição, observando que a avaliação pode assumir as funções classificatórias e diagnósticas, conforme a postura pedagógica assumida pelo professor ou representar um indício para o professor compreender o nível em que o aluno se encontra, a fim de buscar desafios que o estimulem no processo de (re) construção do conhecimento.

A mudança das práticas avaliativas exige mudanças de concepções no cotidiano docente. Segundo Luckesi (1997, p.42):

Para que a avaliação educacional assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma Pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e

a concepção teórico-prática, também não forem autoritários. Se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializantes e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos.

O professor, por sua vez, deve trabalhar em função da construção diária do conhecimento nos alunos, promovendo a formação de um cidadão crítico, participativo e responsável politicamente. Através deste tipo de avaliação, o educador poderá inventar e reinventar, harmonizar, tranquilizar, apoiar, orientar, reforçar e corrigir, contribuindo assim para o êxito no processo de ensino-aprendizagem e conscientizando a si mesmo quanto à sua prática docente e aos alunos quanto suas experiências de sucessos e insucessos.

A avaliação foi sendo construída no decorrer da história concomitantemente ao processo dialético que impulsiona a sociedade, servindo então como reflexo das idéias que caracterizaram cada época. Ao longo do tempo, o caráter da avaliação foi modificando-se, conforme o momento histórico de cada sociedade. Hoffmann (2003, p. 194) diz que:

A avaliação escolar como um campo teórico de conhecimento centrou-se, por muito tempo, nos estudos sobre os rendimentos escolares dos alunos e nos resultados dos processos de aprendizagem. Originou-se daí, a concepção predominante de avaliação escolar como um processo de medida do desempenho em face de objetivos educacionais prévios, numa perspectiva técnica, com ênfase na representação quantificada do conhecimento, adquirido por meio de notas ou conceitos.

A partir da visão da autora podemos depreender que a avaliação tornou-se um instrumento político de seletividade e de exclusão social. As práticas avaliativas classificatórias fundamentam-se na competição e no individualismo. Porém, a busca atual é de que através de pesquisas e estudos, haja a possibilidade de mudar esta conotação que lhe foi conferida, a fim de que passe a ser vista como uma via que venha a ajudar o aluno no processo de aprendizagem, para que este consiga apropriar-se dos conhecimentos de forma crítica.

Segundo Hoffmann (2003, p. 16) os processos de avaliação enfatizam a necessidade de um envolvimento maior do professor, pois “os ensinamentos teóricos e apresentação de novos preceitos metodológicos, não irão garantir, por si só, a compreensão e tomada de consciência sobre concepções formativas e mediadoras em avaliação”.

Segundo Luckesi (1997, p. 69), [...] entendemos a avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão. Compreendemos assim, que o processo de avaliação requer objetivos claros daquilo que o professor pretende atingir, bem como o quanto o aluno aprendeu e que estratégia é preciso ser reformulada e/ou alterada para que esse objetivo seja atingido, pois quando um professor faz uma avaliação tem claro o resultado que espera que seu aluno demonstre ter alcançado. De posse desse resultado, o professor poderá selecionar os objetivos e conteúdos que julgue extremamente importante, e a partir daí, contribuir para o processo de aprendizagem de seu aluno.

Neste contexto, o problema do professor é avaliar para dar um novo encaminhamento à sua ação pedagógica, no planejamento, na execução e na avaliação, assumindo um posicionamento pedagógico claro e explícito e redefinindo cotidianamente sua prática. Sobre isso, Hoffmann (2003, p.18) nos diz:

O papel do avaliador, ativo em termos do processo transforma-se no de partícipe do sucesso ou fracasso dos alunos, uma vez que os percursos individuais serão mais ou menos favorecidos a partir de suas decisões pedagógicas que dependerão, igualmente, da amplitude das observações. Pode-se pensar a partir daí, que não é mais o aluno que deve estar preparado para a escola, mas professores e escolas é que devem preparar-se para ajustar propostas pedagógicas favorecedoras de sua aprendizagem.

Ao ampliarmos nossos olhares, entendemos que a avaliação tem um significado cultural profundo, avalia-se o saber próprio de cada indivíduo e o saber historicamente construído, pois se refere aos valores culturais e a maneira como são aceitos. Assim, entende-se que a avaliação poderá medir o desempenho do aluno através do controle de aquisições, da avaliação do progresso do aluno e da análise de seu desempenho.

Para tanto, para que se consiga alçar qualitativamente o ensino como um todo, faz-se necessário proceder a mudanças estruturais, visando que esse aprendizado melhor aconteça, floresça e se fortaleça, contribuindo para a formação de cidadãos melhores e mais bem preparados na sua capacidade crítica e, por extensão, de autonomia crescente.

Luckesi (1997, p. 37) relata que o professor que é autoritário adota a postura de inserir “armadilhas” nos testes, preparando questões para pegar os despreparados. Contudo, o teste, enquanto instrumento de investigação, não pode servir a um modelo classificatório de avaliação, que apenas comprova a nota que o professor atribuiu ao aluno. Ao contrário, o teste deve ser aplicado com o objetivo de seguir adiante, buscando aprofundar os conhecimentos já construídos, e não assumir um fim em si mesmo.

Consideram-se, como tais equívocos, as provas mal elaboradas, com questões dúbias ou com um alto nível de complexidade e linguagem incompreensível, objetivando apenas aprovar ou reprovar, e até mesmo fazer com que o aluno “prove” que adquiriu os conhecimentos, o que não é um auxílio para a aprendizagem. Desta forma, reduzir a avaliação às suas ferramentas seria ignorar a riqueza do processo de construção do conhecimento pelo aluno, bem como da ação do professor.

A avaliação deve ser entendida como uma ação reflexiva, de articulação com a prática. Para tanto, o processo avaliativo, segundo Luckesi (1997, p. 93), implica nos seguintes aspectos: coleta; análise; síntese; atribuição de valor/qualidade; posicionamento (a favor ou contra) e decisão: atuar ou não sobre o objeto, diz que:

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de método e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas. Mas esse não é o problema. A questão é o estabelecimento de uma de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade.

É fundamental que o professor, ao entrar numa sala de aula, esteja atento a estes aspectos que possam contribuir com o próprio desempenho e o dos alunos também ,

promovendo a auto-estima. Dessa forma, a educação encontra-se diante de uma nova forma de avaliar, que coloca em questão não apenas um projeto educacional, mas uma mudança política e social, pois a avaliação formativa serve a um projeto de sociedade onde não há exclusão e individualismo, mas cooperação e inclusão, tendo em vista a aprendizagem de todos.

De um lado há a inexperiência do docente, de outro lado à inexperiência do aluno, acostumados ao modelo tradicional de avaliação. As mudanças são necessárias, mas precisamos da ousadia de nossos docentes e de conhecimentos teóricos a fim de planejá-las adequadamente. Face às reflexões realizadas em torno dessa temática, caminhamos para a elucidação de um projeto, onde buscamos promover mudanças nas práticas avaliativas, por meio de momentos reflexivos, mediadores e significativos para professores e alunos, contribuindo para tornar a experiência mais significativa e provocativa.

Enfim, avaliar é auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo na sua integração, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos, conhecimentos habilidades, hábitos, convicções. A avaliação apresenta-se como um meio de possibilitar suporte, como sujeito existencial e como cidadão, permitindo a tomada de decisão e tendo em vista o auto desenvolvimento no meio social.

3- FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

A avaliação é um tema complexo e apresenta-se com as mais variadas definições dos estudiosos. Para Libâneo (1994) a avaliação escolar cumpre pelo menos três funções: pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle. Cada função é importante para o processo ensino-aprendizagem. Neste sentido, o referido autor destaca que:

A função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o entendimento das finalidades sociais do ensino [...] (p.196)

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido no momento em que se articula com o Projeto Pedagógico e conseqüentemente com o projeto de ensino.³ A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si, ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido.

O processo avaliativo está inteiramente relacionado com o meio interno e externo do ambiente escolar. O meio interno é formado pelas relações que ocorrem dentro da instituição escolar como: professor/aluno, aluno/aluno, professor/direção e aluno/direção. No seu meio externo, temos as relações que perpassam fora da instituição escolar juntamente com o meio externo que a compõe: professor/pais, alunos/pais, e os resultados obtidos/sociedade.

Será da relação do meio externo com o interno que se originarão os processos avaliativos e seus resultados, que por sua vez, serão expostos internamente e externamente. Os resultados proporcionarão a forma pela quais as relações interpessoais se farão dentro da instituição escolar já que toda a estrutura escolar está baseada nesse processo, originando o fracasso ou o sucesso do aluno, tornando mais evidente o papel seletivo da instituição escolar e principalmente da avaliação. Cumpre assim, em toda a estrutura social, um papel hierarquizador de desigualdade de oportunidades, no qual a instituição escolar está vinculada.

A função diagnóstica é a avaliação contínua, o professor tem a oportunidade de observar o progresso de seu trabalho. Cumprindo sua função, a avaliação contribui para a assimilação e fixação, pois a correção dos erros cometidos possibilita o aprimoramento, a ampliação e o aprofundamento de conhecimentos e habilidades e, desta forma, o desenvolvimento das capacidades cognitivas. Nesta concepção, Libâneo (1994, p. 197) afirma:

(...) A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas (...). Durante o processo de transmissão e assimilação é feito o acompanhamento do progresso dos alunos, apreciando os resultados corrigindo falhas, esclarecendo dúvidas, estimulando-os a continuarem até que alcancem resultados positivos.

Ao mesmo tempo, essa avaliação fornece ao professor informações sobre como ele está conduzindo o seu trabalho: andamento da matéria, adequação de métodos e materiais, comunicação com os alunos, adequabilidade da sua linguagem, etc.

O papel diagnóstico da avaliação justifica sua utilidade pedagógica por estar presente no início, durante e no final de todo o processo de ensino e aprendizagem, identificando dificuldades e os resultados obtidos tanto dos professores quanto dos alunos. Cumprem-se assim dois sentidos na avaliação: o formativo e o somativo.

O sentido formativo procura proporcionar informações, detectar erros e incompreensões, crenças, podendo corrigi-los e superá-los antes que aconteça o fracasso, ou seja, esse sentido tem por objetivo a melhoria de algo que ainda não foi concluído. Portanto, o sentido formativo da avaliação é realizado de forma contínua na qual serão obtidos os resultados.

A concepção somativa da avaliação tem como função diagnosticar o resultado final do aluno após certo tempo de aprendizagem, ao final de um conteúdo aplicado. Tem por finalidade determinar níveis de rendimentos, quantificar e atribuir valores, detectar se houve êxito ou fracasso, para posterior seleção e classificação dos alunos de acordo com

os resultados alcançados. Todavia a sua divulgação para o meio interno e externo será feita por boletins e históricos.

Faz-se necessário entender que essa forma de avaliação influencia e é influenciada pela sociedade na qual está inserida já que esta não se encontra à margem, desvinculada de toda a sua estrutura social e do poder do sistema que a governa.

Professores e alunos têm de ter consciência de que estão inseridos nesta sociedade e de suas contradições, para que assim possam cumprir um papel problematizador em tal sistema, questionando e refletindo sobre a sua ação como sujeitos comprometidos com o mundo, recriando-o constantemente e construindo suas próprias verdades, valorizando suas manifestações e interesses.

No tocante ao processo avaliativo na educação, cabe ao professor verificar os resultados obtidos de forma isolada e imparcial, por meio de perguntas ditas objetivas e de respostas previamente determinadas, objetivando a mera quantificação dos resultados, não levando em consideração os fatores sociais e as contradições nas qual o aluno está inserido.

É importante que o professor faça observações e registro do processo ensino-aprendizagem a fim de diagnosticar quais os avanços e dificuldades que os alunos obtiveram e como poderá intervir, objetivando decidir melhor sobre qual metodologia deverá ser empregada em sua prática. Hoffmann (2003) afirma que a escolha por parte dos professores ou instituições escolares, por uma dessas perspectivas dependerá claramente de quais são seus objetivos e que tipo de alunos querem formar. É evidente que essas escolhas sofrerão influência de suas vivências e sua visão de mundo.

Se o professor tiver por objetivo a construção de um aluno reprodutivo, acrítico, passivo, inserido dentro do contexto social vigente, opta por uma perspectiva classificatória. Entretanto, se o professor tiver a intenção de transformar os alunos em sujeitos críticos, criadores do conhecimento, questionadores e transformadores das práticas sociais, farão uso da perspectiva mediadora na qual encara esse sujeito como parte que integra e é integrada pela sociedade, influenciando e sofrendo influência dela,

pois esses sujeitos participam da construção do conhecimento tanto no âmbito escolar, como no social.

O sentido fundamental da ação avaliativa, nessa perspectiva, é o movimento e a transformação. Hoffmann (2003, p.71) afirma “[...] o professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o movimento favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos”.

A função de controle se refere à frequência das verificações dos resultados escolares possibilitando ao professor o diagnóstico das situações didáticas e ocorre em um processo de interação professor-aluno no decorrer das aulas, através das múltiplas atividades, onde o professor pode avaliar a assimilação dos conhecimentos, habilidades e capacidades mentais do educando.

Essa função tem a possibilidade de pontuar e classificar os alunos, nesse sentido torna o papel da avaliação um meio de coibir a ação deles. Essa é a forma autoritária de alguns professores manterem a ordem e a disciplina da turma, controlando a conduta dos alunos e suas possíveis insubmissões, críticas e questionamentos por meio de modelos avaliativos, somativos e classificatórios. Conforme Libâneo (1994, p. 197):

Há um controle sistemático e cotidiano que ocorre no processo de interação professor-aluno no decorrer das aulas, através de uma variedade de atividades, que permite ao professor observar como os alunos estão conduzindo-se na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais. Nesse caso, não se devem qualificar os resultados. O controle parcial e final se refere à verificação efetuada durante o bimestre, no final do semestre ou ano, caso a escola exija o exame final.

A função de controle nem sempre aparece como conflitante imposto e autoritário, ele pode ser assimilado sem provocar problemas nem rebeldias, dentro de um estilo aberto e democrático. A avaliação é uma forma tecnicizada, de exercer o controle e a autoridade sem evidenciar, por meio de procedimentos que como dizem serve a outros objetivos, como comprovação do saber, motivação do aluno e informação à sociedade.

Sendo assim, o papel controlador que está sendo usado na avaliação é oculto e na maioria das vezes, passado despercebido em todo o âmbito escolar social. Segundo Hoffmann (1996, p.105):

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de método e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas. Mas esse não é o problema. A questão é o estabelecimento de uma de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade.

O que se deve ter claro é que não adianta modificar os métodos, as técnicas avaliativas em si, mais ter uma compreensão do seu significado, sujeitos construtores do conhecimento escolar. Essa prática só será possível a partir do momento em que houver uma ação coletiva entre professores, alunos, instituição escolar e sociedade, para que realmente ocorra uma transformação do processo avaliativo.

Nesse sentido, há uma tentativa de implementar uma prática avaliativa com reflexão transformada em ação (Hoffmann, 1996). De acordo com a autora supracitada, essa ação impulsiona as novas reflexões. Essa transformação não será tarefa fácil, pois uma ação provocadora da educação irá atingir o meio pelo qual o professor exerce o seu autoritarismo e demonstra sua competência, contribuindo para o fortalecimento e legitimação da sociedade vigente.

As funções não atuam de forma separada. Há uma interdependência, visto que o processo avaliativo escolar é contínuo em todos os aspectos. Assim diz Libâneo (1994, p. 198): “A função de controle, sem a função de diagnóstico e sem o seu significado pedagógico-didático, fica restringida à simples tarefa de atribuição de notas e classificação”. Sendo a avaliação parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e não uma etapa isolada, é um processo contínuo que deve ocorrer-nos mais diferentes momentos do trabalho.

A importância da avaliação, bem como seus procedimentos, tem variado no decorrer dos tempos, sofrendo a influência das tendências de valoração que se acentuam em cada época, em decorrência dos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia. Considera-se a avaliação dos resultados do ensino-aprendizagem de grande relevância porque permite oferecer informações fundamentais para o processo de tomada de decisão quanto ao currículo e melhorar o processo ensino-aprendizagem.

4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A temática: “Avaliação do Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental” foi desenvolvido através de um estudo com objetivo de analisar e identificar as concepções de avaliação e os instrumentos utilizados pelos docentes. Os sujeitos desse estudo foram os educadores das séries iniciais e os educando da 4ª série da Esc. Est. De Educ. Inf. e Ens. Fund. “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa – Paraíba.

O corpo docente é formado por 12 (doze) professores da pré-escola à 4ª série, sendo 4 (quatro), com curso superior e 8 (oito) com curso Pedagógico. A escola possui 250 (duzentos e cinqüentas) alunos matriculados nos dois turnos, manhã e tarde.

Quanto ao procedimento de estudo é de caráter exploratório que segundo Gonçalves (2001, p. 168), [...] exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Ou seja, este procedimento nos permitiu uma primeira aproximação em relação ao problema. No decorrer do trabalho nos proporcionou o conhecimento da forma de pensar e agir dos docentes e discentes acerca da avaliação do ensino, e por fim, fez com que refletíssemos sobre esse processo realizado em sala de aula.

O questionário foi o instrumento de coleta de dados da pesquisa, o qual foi respondido pelos professores da referida escola, para efeito de esclarecimento. O mesmo foi composto por questões abertas e fechadas onde foram coletadas informações sobre o atual sistema de avaliação da escola e a prática avaliativa adotada.

Segundo informações obtidas através do questionário, os professores afirmaram que a avaliação escolar possibilita ao professor acompanhar se o aluno aprendeu determinado conteúdo utilizando os métodos qualitativos e quantitativos. O método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas: coeficiente da correlação, análise de regressões. Deixando clara nossa posição em termos que não são os métodos quantitativos em si, os que produzem as injustiças sociais.

Quanto ao aspecto qualitativo devem estar presente informações colhidas por estudos essencialmente qualitativos. Ou seja, é uma forma de observar ou medir a forma comportamental dos alunos e assim, definir o processo avaliativo, como sendo uma pesquisa moderna que utiliza a dicotomia entre os estudos quantitativos e qualitativos, entre o ponto de vista “estatístico” e “não estatístico”. Nesse sentido, a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.

Nesse processo avaliativo o professor avalia o aluno de forma contínua para verificar os diferentes momentos do seu desenvolvimento. Convém lembrar que este tipo de avaliação exige demais do professor, ou seja, dá mais trabalho na hora de avaliar o aluno.

O estudo foi desenvolvido através de visitas sistemáticas à escola, onde foram realizados estudos enfocando a visão de vários autores, atentos e preocupados com essa problemática, como também, propostas possíveis na dinamização da prática avaliativa.

As atividades foram desenvolvidas por meio de estudos teóricos e debates com propósito de refletir e despertar idéias à prática do processo avaliativo em busca de uma flexibilização e descentralização, organizando conteúdos, metodologias e forma de avaliação que subsidie ao educando o desenvolvimento da capacidade de aprender. Nessas condições, tanto educadores como educando, devem reconhecer o verdadeiro sentido da prática avaliativa, baseando-se numa perspectiva construtivista com função diagnóstica sem prejuízos no processo ensino-aprendizagem.

5- ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A coleta de dados foi realizada através de questionário e de um conjunto de observações acerca do processo avaliativo escolar, com os professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires, na cidade de Sousa – Paraíba. O questionário continha questões de múltipla escolha e discursivas e nas observações foi possível perceber que a avaliação tem sido um instrumento de grande importância para o processo ensino-aprendizagem, no sentido de diagnosticar dificuldades e avanços do educando.

Em relação à idade dos docentes, observa-se que 80% dos mesmos encontram-se numa faixa etária entre os 45 e 46 anos e 20% possui a idade de 59 anos. Observando que todos são do sexo feminino, mostrando assim, que o Ensino Infantil tem quase por unanimidade a presença feminina no cotidiano da sala de aula. Certamente isso acontece por vários fatores como a própria formação psicológica da mulher, um ser por vocação mais carinhosa, dedicada, sensível e levando em conta também, o próprio espírito maternal existente na presença feminina.

Mediante os dados coletados no questionário e nas observações identifiquei o tempo de magistério onde 40% têm até 12 anos, 20% têm 17 anos, 20% têm 18 anos e 20% possui até 25 anos de atuação docente.

No que diz respeito ao ato de avaliar, quase todos são unânimes em afirmar que gostam de avaliar, pois o processo avaliativo que detectam as dificuldades verifica o desempenho e interesse dos alunos e também identificam os conhecimentos adquiridos por eles. Em uma das respostas a docente expressa que não gosta de avaliar, que é difícil esse ato e que ninguém consegue avaliar totalmente uma pessoa.

Conforme as expressões dos professores, todas relatam que professores e alunos participam ativamente do processo avaliativo, a fim de adquirir uma aprendizagem mais eficaz e significativa, ou seja, uma consciência crítica que impulsiona para o exercício da cidadania.

Analisando o momento do planejamento sobre o ato de avaliar, todas as docentes participam desse espaço, mas, a maioria enfrenta dificuldades para avaliar os alunos, visto que há grande falta de interesse e estímulo dos próprios alunos na participação ativa durante as aulas.

Referente aos instrumentos ou meios que os professores utilizam para avaliar seus alunos 20% respondeu que utilizam a análise do processo individual nas atividades diárias e 80% dos docentes responderam que a prova escrita, a observação e trabalhos em equipes são indispensáveis nesse processo e que sem eles, o ato de avaliar tornava-se vago ou sem sentido.

Em geral, na visão dos mesmos, a avaliação é um processo que serve como subsídio para o professor observador das dificuldades do aluno e a partir dessas observações, o professor pode melhorar sua prática de ensino, proporcionando-os uma aprendizagem de qualidade. Seria bom que a prática de ensino na realidade funcionasse assim: buscando a melhoria, porém, esta realidade é bem contraditória, pois não basta diversificar os instrumentos avaliativos para se ter um ensino-aprendizagem eficiente, mas principalmente, tentar mudar a concepção sobre a complexidade do processo avaliativo para alunos e docentes.

Percebi que 50% dos docentes, ao avaliar os alunos observam o domínio da aprendizagem e a participação como um dos aspectos fundamentais ao ato de avaliar, e, 50% do número de docentes entrevistados analisam a assiduidade, o comportamento e até a criatividade como fatores que também influenciam na avaliação.

Todos os docentes utilizam em suas práticas avaliativas, o processo de revisão de conteúdos antes de avaliá-los, pois só assim, verifica-se realmente se houve o ensino-aprendizagem. Nas respostas percebe-se que as docentes quando vão iniciar um conteúdo procuram conversar com seus alunos para ver o que já sabem a respeito daquele tema.

Quanto ao conceito de avaliação 50% dos docentes entendem a avaliação como um processo contínuo e 50% dizem ser um método pelo qual se verifica o desempenho dos alunos sobre o processo ensino-aprendizagem. A avaliação é um processo que requer

reflexão e fundamentação teórica. Sobre o momento da recuperação, 50% das docentes relataram que a melhor hora para se trabalhar a recuperação do processo avaliativo é sempre após o término de cada conteúdo trabalhado, ou após o final do semestre. Assim, o aluno adquire um maior nível de conhecimento em relação aos conteúdos e um desenvolvimento significativo na aprendizagem.

A avaliação deve ser utilizada com o caráter educativo que proporcione a construção do conhecimento e não como caráter punitivo. A avaliação é hoje, um tema que tem ocupação nas discussões dos profissionais na área da educação, na busca de um melhor entendimento e prática dessa ação. Então, um dos principais objetivos da avaliação em si é favorecer a aprendizagem, corrigir as deficiências nela contidas e verificar se os objetivos elaborados foram realmente atingidos.

Neste contexto, Sant Anna (1995, p.7) enfatiza:

A avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é alma do processo educacional.

Avaliar implica numa interação plena com algo desejado para assumi-la ou rejeitá-la. Percebi ainda em contato com as professoras que o fenômeno avaliação é hoje uma questão confusa. Professores e alunos atribuem diferentes significativos relacionados principalmente aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional, como sendo, provas, notas, conceitos boletim, recuperação, reprovação, etc.

Visto dessa forma, a maioria dos docentes acham que a concepção de avaliação marca a trajetória de alunos e professores, até então, é a que define essa ação como julgamento de valores dos resultados alcançados, ou estabelece uma comparação do que foi alcançado com o que se pretende atingir.

Nas respostas dadas às questões, consta-se que os professores divergem sobre as formas de avaliar utilizada em sua escola, embora considerem em sua maioria satisfatória sua forma de avaliar. Tais formas de avaliação não atendem se não precariamente, aos

objetivos a que se destina a avaliação. A esse respeito nos balizamos em Luckesi (1997, p. 55):

(...) o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu conseqüente desenvolvimento.

Em ambos os grupos caracterizaram-se um tom de desaprovação dos critérios, uma vez que em nenhuma ocasião os critérios foram julgados como muito ou totalmente satisfatório. Segundo Hoffmann (1996, p. 20):

Os critérios pautam-se essencialmente em números de erros e acertos das atividades propostas desconsiderando as razões dos resultados, não correspondendo eficazmente para que o processo avaliativo cumpra seu papel de também vir a ser momento de crescimento para os educando e educadores, evidenciando a necessidade de estabelecer critérios mais coerentes.

Neste sentido, o professor tendo consciência e competência para estabelecer critérios que sejam compatíveis com os conteúdos trabalhados, subsidiará seu trabalho superando as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem. Uma vez que: “[...] avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão; num acompanhamento permanente do professor que incitará as novas questões a partir de respostas formuladas”. (Hoffmann, 1996, p. 21).

A partir desses dados, os professores necessitam de uma melhor preparação sobre como eles devem analisar os alunos em sala de aula. O processo avaliativo consiste no grau de alcance dos objetivos atingidos pelos educadores, como diz Souza (1993, p.30): “Avaliação pode ser definida como um processo sistemático que determina a extensão na quais os objetivos educacionais foram alcançados pelos alunos [...]”.

O professor deve analisar os resultados de cada avaliação fazendo os ajustes e as mudanças necessárias para superar as dificuldades apresentadas no decorrer do processo. Além das questões fechadas, foram levantadas algumas abertas, onde os educadores disseram sobre a relação teoria e prática da avaliação no ensino-

aprendizagem. Nesta questão, esboçaram opiniões que no meu entender agrupam-se em pontos de vistas divergentes.

Metade dos educadores afirmaram que teoria e prática são instancias diferentes quando em uma das nossas conversas os professores disseram: “percebo que teoria é uma coisa e prática é outra, nem sempre prática e teoria, pois não fui disciplinado para isto”, (professor A). “Percebo que teoria é uma coisa completamente diferente da prática. E que a prática é mais importante do que a teoria”, (professor B).

A meu ver estes profissionais mostra-se com dificuldades em utilizar-se das teorias, o que é nítido quando os mesmos afirmam que a teoria não chega a influenciar na prática. Em seus depoimentos estes professores revelam que desconhecem a importância de uma teoria. Na realidade, sabemos a importância da teoria para fundamentar o fazer e o pensar dos docentes direcionando às suas ações pedagógicas.

Para um outro grupo teoria e prática devem andar juntos, embora estes assumam que não conseguem esta proeza, afirmando que precisam estudar e pesquisar mais para “inovar metodologias”, que é preciso adquirir novos conhecimentos que sejam capazes de facilitar a aprendizagem do educando.

Constatai que as respostas desses professores demonstraram claramente uma concepção mais abrangente sobre teoria e prática, ao abordar a importância de aprimorarem os seus conhecimentos.

Ao questionarmos os professores como avaliam cotidianamente o desenvolvimento dos seus alunos, estes apresentam como respostas o uso diversificado de instrumentos (provas escritas, orais, atividades diárias). Assim pode-se constatar que alguns professores adotam a idéia de que o meio mais eficaz para avaliar seus alunos é o uso combinado de técnicas, não demonstrando conhecimento do processo avaliativo muito menos a importância desses para nortear a sua prática docente.

Os outros professores responderam que a melhor forma de avaliar era registrando o desempenho de cada um, trabalhando suas dificuldades, usando diferentes instrumentos que possibilitem uma reflexão sobre os avanços e trabalhar onde ainda não avançou.

Esta ação ocorre através de uma interação entre professor, alunos, pais e profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

No processo avaliativo é importante utilizar-se de uma avaliação dinâmica, onde professor e aluno se integram e juntos busquem alternativas e criem situações-problemas para alcançar os seus objetivos. Neste sentido, a prova não tem um fim em si mesmo, mas um momento de reflexão entre o aluno e professor, detectando as falhas que ocorreram durante o processo.

Os depoimentos dos professores apontam que: “nas provas é que vejo quem aprendeu ou não”. Constatei que a maioria deles concebe a avaliação como aferição de capacidades e verificação ou aquisição de conhecimentos dos objetivos propostos. Este modelo de avaliação se distancia do seu real sentido que é contribuir para o desenvolvimento da educação. Segundo Luckesi (1997, p. 93): “A verificação é uma ação que congela o objeto numa trilha dinâmica da ação (...)”.

Segundo depoimentos, outros professores costumam utilizar uma avaliação contínua aplicando atividades que possam mostrar se o aluno aprendeu ou não, para que através delas possa observar as suas dificuldades. “A avaliação deve ser um processo contínuo e sistemático para obter informação, diagnosticar se houve ou não o progresso do aluno”.

Analisando estes professores percebo em suas falas que eles consideram o processo avaliativo como instrumento subsidiário para obtenção de crescimento, visto que esta fornece recursos para educação e educadores tomarem decisões no sentido de aperfeiçoar a prática educacional efetivando uma aprendizagem de qualidade, pautando-se na construção do conhecimento. Tais visões apontam para uma prática avaliativa que visa o aprimoramento da aprendizagem. Segundo Luckesi (1997, p. 165), “[...] a atividade de avaliar caracteriza-se como meio subsidiário da contenção de resultados satisfatórios”.

Dessa forma, o depoimento dos professores deixa clara a idéia de uma avaliação na perspectiva diagnóstica. A avaliação diagnóstica de acordo com Luckesi (1997, p. 35): “Constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para competência”. Desse

modo, percebe-se que a avaliação diagnóstica extrapola o processo de fragmentação do saber.

Os professores uma vez questionados sobre os principais objetivos da avaliação, assim se expressam “que o objetivo da avaliação é o de observar se seus alunos estão aprendendo ou não os conteúdos ministrados”. Fornecer dados que venha promover o crescimento intelectual do seu aluno. Neste sentido, o objetivo primordial da avaliação é o de observar, garantir, questionar, diagnosticar, fornecendo dados sobre o processo ensino-aprendizagem.

Neste caso, a avaliação está cumprindo com seus objetivos, como sendo um elemento de um projeto mais amplo da escola e construindo coletivamente, conforme Luckesi (1995, p. 85): “a avaliação, tanto no geral como no específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si, ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido”. Nesse sentido, a avaliação é um percurso que envolve todos na construção reflexiva e coletiva com objetivos predeterminados.

Luckesi (1995, p. 118) ressalta

Para que a avaliação seja uma crítica de percurso, é necessário que todos os envolvidos no projeto fiquem com a mesma camisa, significando estar envolvido na construção de um projeto comum sendo necessário para isso, construir, analisar, observar pontos de estrangulamento, sugerindo e se comprometendo.

6- RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

6.1- Caracterização da escola campo de Estágio

Com intuito de obter informações acerca do processo avaliativo, escolhi como local do estudo, a Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires”, localizada na cidade de Sousa-PB. A referida escola foi fundada no ano de 1979, pela Professora Maria de Lourdes Ferreira, onde a mesma encontra-se até hoje na gestão escolar.

O quadro gestor é composto pela diretora Maria de Lourdes Ferreira, que desenvolve um trabalho de parceria com a comunidade, a qual trabalha em prol do crescimento intelectual dos educando. Maria de Lourdes conta com a ajuda da vice-diretora Francisca Liduína e a colaboração do corpo docente formado por 12 (doze) professores lecionando da pré-escola à quarta série. Destes, 04 (quatro) tem curso superior e 08 (oito) tem curso pedagógico.

A escola possui 250 (duzentos e cinqüentas) alunos matriculados nos dois turnos, 01 (um) vigia 01 (uma) secretária e 01 (uma) supervisora. Sua estrutura física é formada por 01 (uma) sala de diretoria, 01 (uma) secretária, 03 (três) banheiros, 5 (cinco) salas de aula, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) cantina e 01 (um) pátio, onde acontecem as aulas recreativa e reuniões.

A escola funciona com muito empenho e dedicação. Além das turmas de Ensino Infantil e fundamental, a escola trabalha com 2 (duas) turmas no “Projeto Aceleração”, com a participação e a colaboração de boa equipe de professores, supervisor e auxiliares. A escola conta ainda com o Conselho Escolar. Possui também vários alunos que fazem parte de projetos na Fundação de Assistência a Criança-FUNDAC, onde os mesmos estudam em um turno e trabalham em outro, dignificando assim sua vida.

O objetivo principal da referida escola é preparar o educando para a realidade da vida, buscando e primando pelo aprimoramento da educação, mostrando que o ser humano tem que buscar seus valores, sem esquecer sua cultura, almejando sempre o

conhecimento para enfim alcançar a sobrevivência. A instituição é aberta ao círculo de “Pais e Mestres” através de reuniões realizadas a cada bimestre, aproximando assim mais ainda, família e escola, por sentir que ambas necessitam estar de mãos dadas para buscarem solucionar problemas encontrados, elaborar projetos e novas perspectivas à comunidade e acima de tudo para formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres no meio social, buscando desta forma, o sucesso do educando.

6.2 - Análise Crítica da Experiência Vivenciada na Escola

Com o objetivo de compreender como se dá o trabalho dos docentes sobre avaliação da aprendizagem e como os alunos reagem a esse estímulo, realizei um bom estágio na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Dr. Thomaz Pires” na cidade de Sousa-PB, em uma turma de 4ª série no turno tarde com a participação dos docentes, da supervisora, diretora e dos alunos.

A temática “Avaliação do Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental” significa, na minha visão, um processo abrangente. Utilizar a avaliação como instrumento de trabalho para o desenvolvimento do educando, requer que ela não seja encarada ou interpretada pelo educador como um momento estático, mas sim, como um momento de acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma a ajudar a superar eventuais dificuldades.

É importante o professor definir a sua prática pedagógica para que ela não seja um mero fazer. Assim, a avaliação subsidia o educador para uma reflexão contínua sobre a sua prática docente. Ao me propor estudar este tema junto com a professora e alunos, fiquei muito satisfeita com a disponibilidade dos mesmos.

Durante os encontros constatei com alegria o interesse da professora e dos alunos em aprofundar os debates que propunham questionamentos persistentes e reflexões sobre o seu fazer pedagógico.

Em conversa informal com a professora, antes de iniciar nossos estudos, questionei o que considerava acerca dos objetivos da avaliação. Foi possível constatar que a

educadora afirma não ter conhecimento do sentido da avaliação no processo ensino-aprendizagem, apontando que tal lacuna advém dos poucos investimentos na educação e no professor, ou seja, na formação deste enquanto profissional. Ela assim se expressa:

As mudanças tão faladas no processo educativo são temas de muita conversa e pouca ação. Como podem ocorrer mudanças com os péssimos salários? Se tivermos que ter vários empregos para sobreviver? Como podemos adotar métodos e fórmulas quando aqueles que a criam não as põem em prática?

De fato é possível detectar as contradições e problemas apresentados pelos professores no cotidiano da escola. Nesse sentido, torna-se difícil aperfeiçoar práticas já existentes, essencialmente quando alguns se excluem do processo, criando empecilhos que venham a atrasar as transformações.

É evidente que uma transformação na avaliação é complexa, pois pede mudanças na maneira como muito educador vem trabalhando a avaliação. Essa transformação ocorre de forma lenta. É o que conclui ao considerar o que diz a professora, “Eu cumpro meu dever de professora dando minhas aulas, ensinando os conteúdos que são ler, escrever e contar, depois dou a nota de cada aluno de acordo com o seu desempenho”. Durante as observações vi que na aula a professora tem um caderninho com o nome dos alunos que à medida que dá o visto no caderno dos mesmos marca um “x” na frente do nome, para indicar se as atividades foram feitas ou não e fica mostrando aos alunos quantos “x” já possuem, para que os mesmos tenham as atividades não feitas.

Pelo seu depoimento e atitude realizada em sala, a professora demonstra não utilizar a avaliação como instrumento auxiliar da aprendizagem, que venha favorecer no aprimoramento da aquisição do conhecimento do aluno. Assim as correções dos exercícios tornam-se finalistas e não um meio de superação dos erros, o que poderia encaminhar melhor o aluno ao seu crescimento intelectual.

Quanto a isso, Luckesi enfatiza (1997, p. 35): “Com a função classificatória, a avaliação não auxilia em nada o avanço, o crescimento. Somente com uma função diagnóstica ela pode servir para essa finalidade”.

Através de sua fala e atitude a professora apresenta uma prática avaliativa desvinculada do processo ensino-aprendizagem, como se não fizesse parte deste, muitas vezes sem nenhum objetivo que leve ao crescimento do aluno, mas só por uma nota. Ondé vi sempre no decorrer das aulas uma mesma cena se repetir várias vezes onde os alunos perguntam: “Tia vale visto?”. Que visto é esse? Quer dizer nota!

Por outro lado percebi que segundo os professores daquela instituição existem outros sistemas, mecanismos, direção, pais e alunos que impedem uma prática avaliativa comprometida com a melhoria da aprendizagem do aluno. Conforme Vasconcelos (2000, p. 55), “é claro que existe um conjunto de fatores sócio-político-econômico-cultural que interfere no sucesso ou fracasso da escola, precisamos tomar consciência e enfrentá-los com coragem”.

No ato de avaliar é importante que o professor conheça a realidade do seu aluno para só assim avaliá-lo na sua totalidade. O professor tendo esse discernimento sobre o educando, buscará estratégias compatíveis para tal realidade fazendo-se necessário ter objetivos claros de onde se quer chegar, articulando com a realidade do aluno e estando sempre atento para não passar conhecimento do senso comum, isto é, restringir o nível de ensino esquecendo de ensinar a cientificidade do saber elaborado historicamente pelo homem.

Percebi durante o Estágio Supervisionado que a professora ficou muitas vezes angustiada quando falava da teoria defendida pelos autores que a mesma contradizia com suas ações avaliativas, que até então, consideravam corretas. Diante disso, entendi que minha exposição teórica estava possibilitando esse educador a refletir sobre suas posturas enquanto avaliador.

Em um dos encontros ocorreu algo bastante interessante. A professora comentou reclamando o nível de aprendizagem dos alunos, e fazendo referência às dificuldades de alguns. Ela dizia que já sabia quais seriam os alunos aprovados e os reprovados embora já estivesse próximo ao término das aulas. Segundo Libanêo (1994, p. 59); “professores que confiam demais em seu ‘olho clínico’, dispensam verificação parciais no decorrer das aulas”.

Professores assim, em qual exigem o mínimo de seus alunos, não incentivam a autocrítica, a vontade de superar dificuldades e melhorar o processo ensino-aprendizagem. Com isso entendi que a professora não deve ter “olho clínico”, ou seja, avaliar o aluno “só pela a cara”, sem estabelecer critérios que objetivem um crescimento na aprendizagem do educando.

A professora em uma das nossas conversa próximo ao término do Estágio relatou que avaliação está causando vários questionamentos, que estava se auto-avaliando, avaliando os trabalhos e encontrando maneiras diferentes de trabalhar os conteúdos.

Atitudes e comportamentos gerais assim, permitem que, a partir das avaliações, seja possível tomar decisão pedagógica inteligentes, que levem a enfrentar e resolver os problemas de aprendizagem.

Alguns professores vêem a avaliação como uma poderosa ferramenta de trabalho, que os auxilia a aperfeiçoar-se profissionalmente ao buscar soluções para problemas de aprendizagem das crianças, usando os resultados das avaliações para compreender em que estágio se encontra os alunos e para tomar decisões que os ajudem a avançar no processo de aprendizagem.

Numa visão geral, constou-me que a análise feita no decorrer deste trabalho me possibilitou perceber que um número expressivo de professores acredita num novo rendimento do processo avaliativo, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam ao percorrer um novo caminho.

A observação e análise dos comportamentos, ações e idéias veiculadas por esta turma de professores e alunos constituem algumas das faces de suas práticas. Busquei não classificar estes professores e alunos a partir de determinados critérios, mas sim acerca das questões apresentadas como forma de crescimento intelectual da turma.

APRECIÇÃO CRÍTICA

Concebemos a avaliação da aprendizagem como uma nova perspectiva do trabalho pedagógico na escola, que valoriza o questionamento e a crítica, contribuindo assim, para a superação da cultura instalada tradicionalmente e que imprime conformismo e, individualismo. Sob essa ótica, a escola torna-se um espaço de (re) construção do conhecimento, considerando as experiências anteriores e o contexto em que jovens e adultos estão inscritos.

O levantamento e a análise dos dados informados nos questionários e no Estágio Supervisionado nos deram grandes referências para melhorar o planejamento dos conteúdos, a definição das metodologias e práticas avaliativas. Tínhamos o perfil da turma, e a partir dele, podíamos então trabalhar. A análise do questionário e do Estágio Supervisionado aponta para a necessidade de possibilitarmos um ambiente de aprendizagem demarcado pelas relações dialógicas.

Acredito que a prática é decorrente da forma de como fomos educados profissionalmente, por um processo avaliativo rígido e inflexível aplicado para medir e classificar, dando maior ênfase à avaliação quantitativa do que qualitativa.

Este estudo demonstra que medir é um processo descritivo enquanto que avaliar é um processo interpretativo, que supor um julgamento a partir da escala de valores onde muitas vezes o professor é desprovido de conhecimento para exercer um processo avaliativo mais coerente.

A avaliação requer não apenas leis e resolução que visem transformar as formas de atuar devem mudar também a postura do educador. A prática da avaliação vincula-se à prática educativa como um todo, se esta é para a transformação ou para a reprodução. Não é só a forma de atuar do professor que deve ser (re) vista, pois a avaliação está inserida no Projeto Político Pedagógico da escola. Faz-se necessário, portanto que haja um desenvolvimento de toda a comunidade escolar visando uma interação pedagógica que propicie uma prática consciente da avaliação.

A avaliação requer, observação, registros e análises sistemáticas do processo de elaboração do conhecimento pelo aluno, registrando o seu crescimento e desenvolvimento no que se refere à autonomia intelectual, a criatividade, a capacidade de organização e outros critérios que o professor julgar necessário e pertinente na fase do desenvolvimento do educando.

Assim, pode-se dizer que não são apenas os instrumentos usados que caracterizam uma avaliação como quantitativa (provas, exames), mas principalmente as formas de como estes instrumentos serão utilizadas e analisadas, pois a avaliação é vista como processo abrangente que implica uma reflexão crítica no sentido de captar os avanços e dificuldade do aluno, possibilitando uma tomada de decisão para intervir da melhor maneira em benefício do aproveitamento do educando em relação à aprendizagem escolar.

Seria ingenuidade minha, acreditar que depois dessa análise se possa reformular tudo o que encontramos de incorreto na escola em que trabalhamos e a partir do meu julgamento poder inserir novas formas de avaliar, desprezando o que está nas raízes do sistema educacional. É preciso ter claro que a introdução de novas práticas não se faz como passe de mágica e nem tampouco estas sobreviverão sem uma clareza de objetivos e teorias que as fundamentem. Sabemos que as mudanças no contexto educacional acontecem em longo prazo assim “é preciso refletir sobre o significado do que se vem fazendo é partir daí para a construção de uma prática que se adeque a cada realidade (...)”, (Hoffmann, 1993, p. 39).

Neste trabalho percebi que o supervisor é um articulador, onde propicia junto aos educadores momentos de estudos e reflexão para superar as dificuldades do educando em relação ao processo ensino-aprendizagem.

A avaliação que se pode fazer é uma avaliação diagnóstica onde o supervisor junto ao professor deve analisar os resultados de cada atividade proposta fazendo os ajustes necessários em seu trabalho para que os educandos superem as dificuldades apresentadas no momento anterior.

Os encontros foram momentos de trocas. Trocas de experiências e conhecimentos que contribuíram para um bom desenvolvimento do trabalho. Durante o estudo procuramos desmistificar a idéia de avaliação como punição. Sabendo que o curto espaço de tempo que dispunha me permitiu resolver os problemas relativos a essa temática, mas pretendia suscitar nos professores a percepção de que caminhos existem, basta apenas querer trilhá-los e não repetir os mesmos erros, abrindo espaço para novas práticas na perspectiva de tornar o ensino um processo democrático e, sobretudo transformador. Pois o caminho é o mesmo, o que há de novo é a forma de caminhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Escolhendo o percurso metodológico**: Conversa sobre iniciação a pesquisa científica. Campinas-SP: Alínea, 2001.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação**: Mito e Desafio. 3ª ed. Porto Alegre: Medição, 1996.

_____. **Avaliação Mediadora**. Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 13ª ed. Porto Alegre: Medição, 1993.

_____. **Avaliar para promover**. As setas do caminho. 5ªed. Porto Alegre: Medição, 2003.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Avaliação do rendimento escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica**: função e necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, Conhecimento e suas representações**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Práxis)

PRADO, Clarilza de Sousa (org.). **Coleção Magistério** – São Paulo: Papyrus, 1993.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica**: desafios e perspectivas. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. Petrópolis/RJ: vozes, 1995.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologias Científicas:** a construção do conhecimento. 3ªed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2000.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória:** desafios e teorias e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 13ª ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Clarice Prado de. [et all]. **Avaliação do Rendimento Escolar.** Campinas – SP, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação:** concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2000.

ANEXOS



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Curso de Graduação em Pedagogia
Disciplina: Prática de Ensino III

Caro (a) Professor (a):

Solicitamos a você que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo sobre a avaliação da aprendizagem na escola, como requisito indispensável para a disciplina de Prática III do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeira – PB. Ressaltamos que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e sua identidade será mantido em absoluto sigilo. Esperamos contar com sua colaboração.

Atenciosamente:

Enedina Geronima Cordeiro Lourenço

Questionário

Tempo que atua como professor?.....

Formação?.....

Idade?.....

Sexo?.....

1- Você gosta de avaliar?

() sim () não

Justifique:.....

.....

1 - As formas de avaliação da aprendizagem que você utiliza para avaliar seus alunos em sua escola são?

- Observação
- Prova oral
- Prova escrita
- Trabalho em grupo
- Trabalho individual
- Outros. Quais?

.....
.....

2 - O processo avaliativo utilizado por você para avaliar seus alunos é analisado como:

- Totalmente satisfatório
- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório

3 - Quais os aspectos que você considera ao avaliar?

- Domínio de aprendizagem
- Comportamento
- Frequência
- Interesse
- Participação
- Criatividade
- Outros. Quais?

5 - Os instrumentos que você utiliza para avaliar seus alunos são:

- Totalmente satisfatório

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório

6 - Você enfrenta dificuldades para avaliar seus alunos?

- sim não

Quais?

.....
.....

7 - Você avalia cotidianamente o desempenho de seus alunos?

- sim não

Justifique:

.....
.....

8 - Como você percebe a relação entre teoria e prática da avaliação do ensino aprendizagem?

.....
.....

9 - Quais os principais objetivos da avaliação?

.....
.....

10 - O que você entende por avaliação?

.....
.....